

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

LUCAS FRANCESCO MONDILLO

CQC E O JORNALISMO INVESTIGATIVO

BAURU
2011

LUCAS FRANCESCO MONDILLO

CQC E O JORNALISMO INVESTIGATIVO

Monografia de conclusão de curso de apresentada ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo sob orientação da Profa. Ms. Ligia Beatriz Carvalho de Almeida.

BAURU
2011

M7416c	Mondillo, Lucas Francesco CQC e o jornalismo investigativo / Lucas Francesco Mondillo -- 2011. 32f. : il. Orientadora: Profa. Ms. Lígia Beatriz Carvalho de Almeida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Universidade Sagrado Coração - Bauru - SP. 1. Jornalismo televisado. 2. Entretenimento. 3. Custe o que Custar. 4. Ética. 5. Humor. I. Almeida, Ligia Beatriz Carvalho de. II. Título.
--------	--

LUCAS FRANCESCO MONDILLO

CQC E O JORNALISMO INVESTIGATIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo sob a orientação do Profa. Ms Lígia Beatriz Carvalho de Almeida.

Banca examinadora:

Profa. Ms. Lígia Beatriz Carvalho de Almeida
Universidade do Sagrado Coração
Orientadora

Profa. Dr. Roseane Andrelo

Prof. Especialista Vitor Pashioni Brumatti
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 19 de dezembro de 2011

DEDICATÓRIA

Aos meus amados avós, Francesco, Clara, Miguel, Luiza. Aos meus queridos e tão amados pais, Luciano e Inês, meus irmãos, Anna Carolina e Tiago, entre outros entes queridos, amigos e vizinhos que sempre demonstraram respeito e me deram todo o apoio e amor.

À minha namorada, Paula, pelo carinho, amor, alegria e compreensão com as muitas horas que passei realizando este estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me capacitar e renovar minhas forças para realização deste trabalho, em que pude analisar e compreender a melhor maneira de alcançar vitórias e superações.

Agradeço e dedico também aos meus avós, pais Luciano e Inês, meus irmãos Anna Carolina e Tiago, entre outros entes queridos, amigos e vizinhos que me deram todo o apoio, dedicação e amor que são necessários no momento de crescimento pessoal e início de vida profissional.

Agradeço também a minha namorada Paula pela paciência e tolerância em muitos momentos de renúncia para contribuir na conclusão deste projeto.

Não posso esquecer de meu primo Leonardo Kanno, que teve a ideia do tema.

À minha orientadora e professoras amigas, mestre Lígia Beatriz Carvalho de Almeida e Vanessa Mattos dos Santos que, pacientemente e com muito carinho, me motivaram, corrigiram e direcionaram como alcançar o êxito nessa etapa tão importante de minha vida.

À Universidade Sagrado Coração, seu corpo docente, funcionários, que ao longo desses anos me deram condições e oportunidades para o crescimento e bom relacionamento.

Aos amigos Luiz Henrique do Nascimento, Luiz Augusto do Nascimento, Mariana Bettio Vides, João Marcos, Oslean do Carmo, Maria Regina Momesso, Rodrigo Guimarães, Edson Tarcisio “Goiano”, Bruno Turtelli, José Carlos Guimarães Filho, Aline Ferreira, Amanda Comin, Cassia Danelon Comin, Paulo Comin, Amanda Rafacho, Gabriela Zeola Kanno, Beto Kanno, Marcus Kanno, Daniela Vitti, Danilo Berbel, Débora Vitti, Diego Devellis, Eliza Azevedo Dias, Fernanda Laborda, Fernanda Sitanaka, Guilherme Veronesi, Juliana Thiede, Lauro Neto, Liana Carvalho, Marilete Cândido de Mattos, Raoni Felipe, Ronise Valencio, Sandro Paveloski, Sebastião Clementino da Silva, Thauam Anjolim, Thiago Benegas, Tiago Vitti, Lívia Ferreira dos Santos, que sempre estiveram ao meu lado dando forças, motivação, renovando o meu ânimo, dividindo momentos de muita alegria e, ocasionalmente, sendo solidários nos momentos de luta e dificuldade que enfrentei.

À minha médica, Elga que sempre me apoiou nos momentos em que eu mais precisei.

RESUMO

O projeto propõe uma reflexão sobre o programa de televisão CQC (Custe o Que Custar), veiculado na TV Bandeirantes e que apresenta ao público, quadros e matérias com investigações obtidas por meio de denúncias e apurações, muitas vezes enviadas pelos telespectadores, mostrando o trabalho de pesquisa da equipe do programa. O objetivo é mostrar o jornalismo investigativo inserido em um programa de entretenimento, que se assemelha a um programa jornalístico; mas, que foge às regras normalmente adotadas no jornalismo convencional.

Palavras-chave: Jornalismo televisado. Entretenimento. Custe o que Custar. Humor. Ética.

ABSTRACT

This project proposes a reflection on the television show CQC (Custe o que Custar), broadcasted by TV Bandeirantes, on Mondays, which presents to the audience, matters and subjects with investigations obtained through complaints and findings, often sent in by viewers, showing the research done by the team of the program. The goal is to show the investigative journalism inserted into an entertainment program, which resembles a news program, but that escapes the rules normally adopted in conventional journalism.

Keywords: Television news. Entertainment. Custe o que Custar. Humor. Ethics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
1.3 METODOLOGIA	10
2. JORNALISMO INVESTIGATIVO	11
2.1 MARCA REGISTRADA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	14
2.2 ÉTICA E CIRCUNSTÂNCIA	15
2.3 TÉCNICA DA REPORTAGEM.....	18
2.4 O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	19
2.5 RISCO PROFISSIONAL	20
3.0 CQC	22
3.1 A CONSTRUÇÃO E SEU FORMATO	23
3.2 OS ALVOS.....	24
3.3 JORNALISMO, INVESTIGAÇÃO, ENTRETENIMENTO.....	24
3.4 QUADROS DO PROGRAMA	26
3.5 DESCRIÇÃO DE UM QUADRO DO PROGRAMA: USO DA INVESTIGAÇÃO	27
4 CONCLUSÃO	30

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o programa CQC (Custe o que Custar), um programa de televisão que apresenta ao público, entre outros, quadros e matérias com investigações, obtidas por meio de denúncias, muitas vezes enviadas pelos telespectadores, mostrando o trabalho de pesquisa da equipe do programa.

Pressupõe-se que o programa utilize o jornalismo investigativo, por meio de reportagens especializadas visando revelar fatos polêmicos ligados a temas políticos e sociais entre outros, que não são muito explorados de maneira contundente pela mídia, levando-os ao conhecimento do público. Podemos citar como exemplo: corrupção é o maior foco; uma licitação irregular, realizada em alguma prefeitura ou órgão público, crimes no Ministério Público ou até mesmo desvio de verbas. Abordam também crimes contra o meio ambiente. A apuração de denúncias de cidadãos pode render uma boa notícia e o telespectador acompanha a averiguação dos fatos e o desenrolar dos acontecimentos.

De acordo com informações disponibilizadas em seu site, o programa CQC (Custe o que Custar) teve o seu início no dia 17 de março de 2008 na Rede Bandeirantes de televisão, emissora popularmente conhecida como BAND. A partir de sua estreia, os telespectadores passaram a reconhecer que a emissora de televisão lhes apresentava um programa diferente dos demais, em função dos novos e diferentes quadros e formatos exibidos.

O programa é exibido todas as segundas-feiras e reprisado aos sábados, trazendo as principais matérias de uma maneira investigativa. As equipes de produção procuram formular perguntas e questionamentos diferentes das normalmente realizadas por jornalistas de outros programas noticiosos que seguem os padrões conservadores. Deve-se considerar a hipótese de tais jornalistas, que seguem esta linha editorial diferente das conservadoras, temerem represálias dos entrevistados, alvos de suas críticas e denúncias. Os apresentadores do CQC declaram que mantêm um olhar atento diante dos fatos e seus acontecimentos, afirmam que tudo é checado bem de perto e nada passa despercebido. O diferencial

do programa é a mistura do jornalismo investigativo com o humor sutil e, em muitas vezes, o “humor negro”, procurando uma forma diferente de fazer jornalismo.

Na época da análise, a equipe de produção e investigação era formada pelos profissionais Marcelo Tas, “Rafinha” Bastos e Marco Luque, que assumem a bancada de apresentação do programa, exibido ao vivo. Além deles há outros integrantes, os repórteres de rua Rafael Cortez, Danilo Gentili, Felipe Andreoli, Oscar Filho e Monica Iozzi, além do próprio Rafinha Bastos, que cuidam das reportagens que são feitas externamente, apurando os fatos e os acontecimentos propostos.

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho pretende avaliar o jornalismo investigativo e investigar sua utilização no programa CQC (Custe o que Custar), conjugada ao humor.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho, ao propor uma reflexão sobre o jornalismo investigativo e fazer uma análise do programa televisivo CQC, pretende servir como referência a profissionais da área de jornalismo e comunicação, como também ao público em geral e interessados.

1.3 METODOLOGIA

Será realizada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica sobre o programa jornalístico CQC (Custe o que custar), coletando informações em materiais impressos e eletrônicos sobre as temáticas envolvidas e com posse desses dados analisar o desenvolvimento nos processos de trabalho de investigação e aplicação das técnicas de jornalismo investigativo.

2. JORNALISMO INVESTIGATIVO

É curioso notar que um profissional de um veículo de comunicação de massa possa se dedicar exclusivamente à investigação jornalística pura, na época atual, com as equipes de redação reduzidas e muitos editores que, defendendo os interesses dos patrões em muitas vezes bloqueiam e manipulam os jornalistas diante dos fatos que destoam na sociedade, mediante pressões no seu cotidiano e, dependendo da investigação, passa a ser pressionado por juízes e advogados. No entanto, a prática é mantida, sendo exercida mesmo com as limitações mencionadas e merece ser analisada.

Segundo Corteze e Santos (2010, p. 662), o jornalismo investigativo baseia-se em “apuração dos fatos, na busca pela veracidade a partir de diversas fontes, documentos ou pessoas”. Para as autoras esse tipo de jornalismo só difere do convencional pelo uso de uma maior diversidade de fontes e pelo aprofundamento da abordagem.

Sobre as notícias, objetos do jornalismo investigativo, Fortes (2005) menciona:

O fato, no entanto, é que nem todas [notícias] são de natureza investigativa, ou pelo menos não se enquadram no modelo clássico de investigação primária – a pauta, a investigação e a notícia. (FORTES, 2005, p.17)

A notícia no jornalismo investigativo serve para que você tente enxergar além do óbvio para que você diga mais sem dizer demais. (FORTES, 2005, p.80).

A prática do jornalismo investigativo fica mais evidente e sua concentração se torna maior nas áreas em que é possível fazer alguma denúncia ou quando os fatos geram algum tipo de polêmica ou margem de dúvida, como por exemplo: a fraude numa licitação de alguma empresa ou prefeitura, tráfico de drogas, desvio de verbas, prostituição, crimes ambientais praticados por madeireiras e também o contrabando de pedras preciosas entre outros.

Ao falarmos de jornalismo investigativo, quando um veículo de comunicação vai checar algum fato da natureza citada anteriormente e de grande repercussão, é

necessário levantar o maior número de dados possíveis, ter ousadia, mas sempre com muita responsabilidade, para que aconteçam as melhores reportagens.

O trabalho de jornalismo investigativo requer que o jornalista, na hora de apurar um fato, percorra as seguintes etapas, descritas por Fortes (2005, p.35-43):

- Pesquisa minuciosa - É aquela em que cada detalhe dos fatos é feita com olhos críticos e que deve ter todo um bom repórter. Diante desse aspecto, o jornalista passa a olhar de uma maneira investigativa, tendo que suplantar a pura curiosidade e, dessa forma, assumir um papel de detetive apurador de fatos.

- Paciência e concentração - Uma boa investigação é demorada e, normalmente, analisa uma série de documentos, dados, códigos, legislações, dos quais o jornalista tira o maior número de informações possível.

- Insistência e perseverança - Seja a partir de informações fragmentadas e divididas, ou a partir da própria intuição. Vale lembrar, que nem tudo é notícia; pois, quando se trata de jornalismo investigativo, podemos citar que o processo dos fatos da investigação é definitivamente aplicável por meio da notícia e passa a ser aquilo que alguém, em algum lugar, quer manter escondido.

- Atenção Especial - Cabe ao jornalista, na hora de checar dados e informações, ter uma atenção especial a todos os tipos de documentos, inclusive os documentos públicos.

- Entrevistas, muitas entrevistas - Neste aspecto, podemos dizer que é de extrema importância o jornalista investigativo trabalhar com o maior número de informações possíveis, contrapontos, críticas, pistas e, sobretudo, contradições dentro de uma apuração de fato investigativa.

- Conhecimento Policial Básico - Como repórter, ele faz um levantamento de dados básicos através de seleção das pistas, análises das fontes, passando as mesmas por uma checagem para apurar os fatos, prestando atenção nas informações oficiais, que são aquelas que, ele deve coletar antes mesmo da apuração.

- Curiosidade e desconfiança - Essas duas características de um repórter devem sempre andar juntas, durante uma cobertura jornalística que envolve investigação; pois, quanto mais intrigante é o assunto, mais curioso deve ser o repórter.

- **Discrição** - A cautela em uma grande reportagem, muitas vezes pode ser a chave de uma matéria de grande sucesso e uma repercussão diante dos fatos apurados pela mídia. O jornalista deve confiar nas suas fontes e preservá-las, além do sigilo e da apuração. O repórter, por sua vez, tende a ser o mais discreto possível diante dos entrevistados, levando em conta a ética do jornalismo, sem criar algum vínculo ou intimidade com a fonte.

- **Checar, checar, checar** - A checagem faz parte de um bom jornalismo, sobretudo quando se trata de uma notícia sensível envolvendo órgão público ou pessoas.

- **Libertar-se de preconceitos** - Nunca partir de princípios pessoais para elaborar uma reportagem. O jornalista deve preservar a imparcialidade, nunca deixando seus princípios religiosos, ideológicos interferirem no rumo de sua matéria.

- **Arquivos bem organizados** - informações bem checadas e apuradas sobre o tema da reportagem, também fazem diferença crucial na hora da formulação do texto; pois, quanto mais profunda a reportagem, maior a necessidade de contextualização daquilo que se escreve.

- **Frieza, Objetividade e precisão** - Ao se tratar de fontes de notícias de grande repercussão como, políticos, padre e juizes, é necessário tratá-las com respeito, muita objetividade e precisão nas perguntas, para garantir que o receptor saiba decodificar muito bem a informação, fornecendo-a a ele de forma precisa, objetiva e honesta.

- **Lealdade ao leitor** - Toda investigação deve ser levada desde o início pelo repórter com fundamento no interesse coletivo, a ética humana, a preservação da democracia, que fazem, da profissão, motivo de orgulho para quem exerce com paixão e destemor.

- **Coragem e responsabilidade** - Dois itens que podem viver separados, mas que juntos se tornam uma blindagem característica de todo grande repórter. Quando se trata de jornalismo investigativo, vale lembrar que é uma atividade de risco.

- **Respeito às fontes** - Este ponto é um dos mais importantes da profissão e uma das razões da longevidade dos bons repórteres, principalmente os que cobrem os assuntos militares e policiais.

- **Clareza e simplicidade** – Devem pautar a construção do texto e sua edição final, para que o resultado de apuração, tão trabalhosa como uma investigação, não termine em emaranhado de nomes, números e expressões ininteligíveis.

2.1 MARCA REGISTRADA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

É comum, no jornalismo investigativo, ser a investigação parte de um levantamento de dados e informações sobre um determinado assunto, onde a apuração e provas vão além do fato e da constatação da denúncia, preservando sempre a ética e moral diante do jornalismo.

De fato, o que dá conotação investigativa ao todo nada tem a ver com a notícia do noticiário, mas com a perspectiva de corá-lo com momentos de grande diferença – função que primordialmente já foi ligada ao furo, mas que cada vez mais está conectada a ações diferenciadas em áreas específicas (FORTES, 2007, p.15)

A marca registrada do jornalismo investigativo é testemunhada quando ocorre apuração dos fatos noticiosos de uma maneira surpreendente, ficando evidente muitas vezes o “furo”, a rapidez na apuração do assunto, no desvendamento de um fato e a maneira como vai ser exposto ao receptor.

Quando se trata do assunto jornalismo investigativo, muitos leitores ligam este tema à ação policial, mas ele é bem mais amplo e complexo, pois passa a abordar várias questões, expondo-as para a sociedade.

O jornalismo investigativo vai muito além da técnica, é um processo de ideias, conhecimentos gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez de modo a conjugar pensamentos e ação diante dos acontecimentos.

O jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/opportunidades) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos). Trata-se, portanto, de um processo contínuo, ágil, veloz, determinado pela atualidade (TÓFOLI, 2008, p.23).

Podemos dizer que o jornalismo se apropria de um conhecimento universal para mostrar os fatos e acontecimentos, seja ele envolvendo uma ou mais pessoas ou uma situação apresentada.

2.2 ÉTICA E CIRCUNSTÂNCIA

O jornalismo é uma profissão que, como diversas outras, é regida por um Código de Ética. São regras de conduta seladas pelos próprios profissionais e que definem as boas práticas para a categoria, mas também causam muita polêmica na profissão. Muitas delas se aplicam às atividades investigativas, analisadas neste trabalho.

O artigo 6º do Código ressalta a importância da atividade investigativa, afirmando que o jornalista deve “combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação; respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (FORTES, 2007, p. 98). Mas isso deve ser feito respeitando diversos princípios.

O artigo 9º aponta que “É dever do jornalista, respeitar o direito e a privacidade do cidadão”. No artigo 12, ressalta-se que se deve tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações divulgadas (FORTES, 2007, p. 98).

Analisando o programa CQC, nota-se que os editores aplicam, muitas vezes, em um processo de pós-edição de imagens, recursos gráficos à imagem do entrevistado, sem que ele saiba que isso será feito. A intenção é deixar claro para o telespectador que a resposta do mesmo foi áspera, rude e até mesmo ofensiva ou que o entrevistado esquivou-se de responder. Em alguns casos ainda, demonstra que a astúcia do entrevistado foi superior à suposta pergunta constrangedora do entrevistador.

Analisando o uso dos recursos gráficos no processo de edição de imagens, em alguns aspectos nos leva a crer que há direcionamento da opinião pública, uma vez que o uso desses recursos reforça a imagem que o público telespectador tem sobre o entrevistado, todavia quando fazemos uma avaliação do programa como um todo, percebe-se que o suposto direcionamento da opinião pública não se deve aos recursos gráficos e sim, pela exibição aprofundada dos assuntos polêmicos e recheados de controvérsia, onde o interesse do público e o despertar da avaliação

crítica, se dão de maneira suave, pelo uso do humor como ferramenta, assim como pela identidade do público com os repórteres do CQC e pelo fato de que eles representam o que cada cidadão gostaria de perguntar e afrontar os entrevistados, sem as máscaras e formalidades normalmente usadas no jornalismo tradicional.

Pergunta-se: a ética é respeitada quando há intenção de desmerecer o entrevistado diante dos telespectadores, sem que ele tenha consciência de tal fato? Isso somente acontecerá quando ele assistir ao programa no ar. Nessas circunstâncias, os apresentadores usam o humor nas matérias investigativas que visam à denúncia e, muitas vezes, o entrevistado se sente ofendido. Esse tipo de controvérsia é a principal ferramenta do programa. Baseado no Código e Ética da profissão se observa que o programa CQC muitas vezes não respeita as fontes.

Ainda o artigo 12 afirma que “o jornalista deve se valorizar, honrar e dignificar a profissão, passando assim a lutar pela liberdade do pensamento e expressão diante dos acontecimentos” (FORTES, 2007, p. 98). Percebe-se que o referido programa também viola esse artigo, uma vez que os apresentadores não respeitam estritamente o Código de Ética. Em algumas ocasiões os políticos acusados de corrupção, artistas e personalidades acusados de escândalos, afrontam e usam termos ofensivos contra os repórteres e entrevistadores, estes por sua vez, em caráter de ironia, depreciam a imagem do jornalista, referindo-se a este tipo de profissional como: inconveniente, pegajoso, indiscreto, oportunista, perseguidor, desrespeitoso etc... Além da maneira com que os repórteres abordam o entrevistado, realmente fazendo jus a todas citações anteriores.

O artigo 15 afirma que o jornalista é responsável por toda a informação que divulga nos principais meios de comunicação, o que significa que, caso o entrevistado sinta que houve equívocos durante a entrevista, deve cobrar o seu direito de resposta (FORTES, 2007, p. 99). Tal fato, já foi observado algumas vezes no CQC, quando entrevistados usaram esse direito, manifestando-se no próprio programa, buscando defender-se de ofensas.

Considerando a investigação, o Código cita que o correto em um trabalho investigativo é combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação. Refere-se também, no Art. 12, que o jornalista deve buscar provas que fundamentem as informações de

interesse público. Pode-se afirmar que o CQC tem um forte caráter de denúncia da ação dos políticos brasileiros, sua equipe cumpre esta recomendação do Código.

Atualmente, existe uma ferramenta que o jornalista usa para conseguir uma reportagem sem que o “entrevistado” tenha consciência de que fornece informações para um jornalista que usa tal recurso, que serão exibidas em um veículo de comunicação. Trata-se de câmeras e microfones escondidos, recursos usados para gravar informações. O programa CQC algumas vezes usa essa ferramenta para tentar obter informações, que no máximo seriam relatadas em “off”, bem como, algum detalhe crucial para uma determinada denúncia, quando esgotados os meios de apuração no processo de investigação. Esse recurso é bastante questionado, por supostamente ferir o Código de Ética do jornalismo que, em seu Art. 11, declara que o jornalista não pode divulgar informações usando recursos inadequados, por exemplo, “com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração” (TÓFOLI, 2008, p. 66). Essa atitude tem sido alvo de diversas ações judiciais, bem como resultado em algumas condenações a grandes veículos de comunicação.

Mas, apesar de toda a controvérsia, pelo menos no Brasil, essa prática ainda é bastante adotada, seja individualmente pelo jornalista ou a mando do veículo para o qual trabalha, sob o argumento de que o importante é a apuração dos fatos e que a opinião pública fará o seu próprio julgamento. A situação provoca muitos debates. Fortes fala sobre a polêmica e diz que ela é “intrínseca à questão do jornalismo investigativo” questionando: “até onde é permitido ao repórter dissimular atitudes, gravadores escondidos, microcâmeras, passar-se por outra pessoa, adotar outra identidade e, de fato, violar leis? (FORTES, 2007, p.53).

Ao final desta análise se percebe diversas questões não bem resolvidas entre os profissionais, não há consenso na categoria em relação a alguns pontos, há discussões bastante profundas. Um retrato da situação pode ser demonstrado pela afirmação do professor Francisco Karam, da Universidade Federal de Santa Catarina, que conclui que a profissão do jornalista implica sempre no prejuízo. Para ele os profissionais “são ameaçados e mortos porque, quando trabalham a favor de alguém, podem estar trabalhando contra outro. É da natureza ética do jornalismo

prejudicar pessoas e prejudicar modelos de vida, regimes e sistemas” (ÉTICA JORNALÍSTICA, 2011).

Cruz Neto, ao falar sobre a técnica da entrevista, também discute essa questão:

O repórter deve tratar o entrevistado de forma educada, mas não é necessário ter excesso de bons modos como acontece na maioria das vezes no tratamento de autoridades. Se for para descobrir fatos importantes para a sociedade, o repórter tem que perguntar tudo (CRUZ NETO, 2008, p.44).

2.3 TÉCNICA DA REPORTAGEM

Nilson Lage, em seu livro *A reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2001) explica as técnicas e seus formatos jornalísticos. Ressalta a importância de se manter o foco da reportagem em diversas áreas que são divididas nas redações, antes mesmo da sua publicação. Os repórteres são treinados para escrever para o público do meio de comunicação onde trabalham, com uma linguagem popular para facilitar o entendimento do público e respeitando as formas de escrita da empresa, sem perder a elegância nem deixar de lado a objetividade e a clareza, visto que a maioria do público não quer perder tempo tentando entender qual é a notícia que o jornal quer dar.

Portanto, para fazer um bom trabalho envolvendo esse tipo de jornalismo como, por exemplo, o investigativo, o autor explica que o profissional precisa ter espírito e ritmo para esse tipo de apuração, mas sem se esquecer da clareza das palavras e a verdade dos fatos, tomando cuidado para não ser sensacionalista, que pode ter, como consequência, a formação de uma opinião equivocada ou até mesmo estimular o público a atos de rebeldia e atitudes de vandalismo, ou querendo fazer justiça com as próprias mãos, sem ter a certeza de que todos os fatos foram devidamente apurados, comprovados e principalmente julgados pelos órgãos competentes.

2.4 O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

A abordagem ética destaca que é importante saber conduzir uma reportagem. Há uma disputa entre os veículos de comunicação pela divulgação em primeira mão de uma notícia e, apesar do principal foco do jornalismo investigativo se tratar do “furo” jornalístico, que nada mais é do que sair na frente dos concorrentes, o jornalista não deve se tornar inconveniente, nem ser irresponsável, devendo apurar por completo os fatos sem passar informações que não tenham sido completamente checadas, evitando colocar em risco a integridade dos envolvidos nos fatos.

Fortes chama a atenção para o fato de que o jornalismo investigativo pode ter dois lados:

A super exaltação ao jornalismo investigativo, então, mostrou-se uma faca de dois gumes afiadíssimos. Por um lado, passou a mapear e descortinar diversas estratégias de corrupção. Um passo fundamental dessa evolução foi a desconstrução dos esquemas montados por PC Farias no governo Collor, além do desmembramento de estruturas paralelas corrompidas do Congresso Nacional e do alto empresariado nacional, sobretudo a das empreiteiras. Por outro lado, a luta interna e externa de jornalistas e redações resultou em um conflito geral de interesses e métodos que precisaram ser urgentemente regulados, sob risco de o Jornalismo – com “j” em caixa alta – ser atirado abismo abaixo pela corrida desenfreada por cabeças de ministros e pela degola política em geral. Isso significa dizer que, na ânsia de fincar estacas de pau no coração da vampiragem nacional, as redações brasileiras começaram a perceber que já ia tarde uma discussão mais bem apurada sobre os limites dessa caçada (FORTES, 2005, p.22).

Ele mostra que uma investigação bem trabalhada pode ter muito êxito quando é feita com competência, o que faz com que o jornalismo investigativo passe a ter uma identidade própria dentro do jornalismo, por revelar segredos à nação, sejam eles arquivos da ditadura ou os bastidores da demissão de um ministro qualquer, entre outros assuntos.

A consequência de um trabalho mal conduzido traz a abordagem de fatos de forma sensacionalista. Vale lembrar que o sensacionalismo não é um fenômeno novo nos meios de comunicação; porém, ao ser usado no jornalismo investigativo, pode acabar em denunciamento.

Vale dizer, no entanto, que o termo “denuncismo” acabou por incorporar ao discurso das nomenclaturas políticas brasileiras, geralmente as da situação, como reação mal estudada, ação fiscalizatória da imprensa (FORTES, 2005, p.22).

Vale ressaltar que, no centro da atividade do jornalismo, está a busca pela revelação de fatos importantes para a população. Deve se, no entanto, entender a diferença entre fatos de “interesse público” de fatos de “interesse do público”. Os nomes parecidos podem causar confusão. Informações de interesse público são informações que servem para regular a vida de toda uma comunidade, como a divulgação de deveres e direitos, de campanhas de saúde pública etc. Já fatos de interesse do público são aqueles que despertam o interesse das pessoas, porém não oferecem benefícios para a vida dessas comunidades, no sentido de melhoria da qualidade de vida da comunidade. Atraem mesmo a atenção de toda a população, muitas vezes, por serem abordadas tragédias e mazelas que despertam a curiosidade humana.

Para o veículo de comunicação divulgar fatos de interesse do público pode significar alcançar altos índices de audiência, o que dá um bom retorno comercial na busca de patrocínio. Conforme nós mostra a edição do jornal Folha de S.Paulo (27/05/2008) após pesquisa no Ibope onde afirma que a média de audiência da emissora Rede Bandeirantes de Televisão cresceu e em alguns momentos até dobrou o índice de audiência da emissora nos horários de apresentação do programa CQC; e têm se mantido nessa posição até os dias de hoje.

Para a sociedade, no entanto, que ignora os processos noticiosos, o simples fato de ter tido acesso a informações por meio da imprensa causa a impressão de que esta tem poder para fazer justiça.

2.5 RISCO PROFISSIONAL

A dinâmica envolvida no trabalho investigativo pode colocar em risco o jornalista.

A imagem do jornalismo investigativo foi marcada por uma grande polêmica, como o caso do jornalista Tim Lopes da Rede Globo, que foi brutal e covardemente assassinado em um morro carioca, durante uma investigação no interior de uma favela, envolvendo prostituição infantil em bailes funk, além de tráfico de armas e drogas no Rio de Janeiro.

O episódio trouxe a obrigação de se refletir até onde chegam as fronteiras do jornalismo investigativo, como propõe a Andi e Childhood (2006, p.24):

É preciso saber o que funciona ou não em um ambiente jornalístico. Mais que isso, é preciso perceber porque não funciona tão bem o que poderia funcionar melhor. Será que são, jornalistas e donos de meio de comunicação, partícipes de um complô contra a justiça social? Quais os verdadeiros limites? Quais os limites dos meios noticiosos enquanto empresa com fins lucrativos? Até onde chegam as fronteiras do jornalismo em um mundo no qual a cada dia é maior a segmentação dos interesses e, portanto, a complexidade do tecido social que a imprensa deve traduzir para a sua audiência? Essa percepção da realidade e uma dose de boa vontade certamente ajudam no momento de se conceber uma estratégia de colaboração.

No jornalismo investigativo os profissionais se expõem a muitos riscos, como foi o caso de Tim Lopes que apresentou fatos extraordinários e investigações que não estariam ao alcance de um jornalista, sem o devido apoio da polícia. A busca obsessiva pelo “furo de reportagem” tornou-o imprudente diante dos riscos.

A partir do caso de Tim Lopes, o jornalismo investigativo teve novas vertentes, propondo que, antes de assumir uma matéria, o jornalista pense na sua carreira e nos limites que ela propõe, já que o jornalismo é uma profissão intelectualizada e não uma profissão para colocar em risco a vida de seus profissionais que não são investigadores policiais. Por mais coragem e ousadia que um jornalista tenha, ele não pode ultrapassar os limites de sua profissão, tendo em vista preservar a sua vida, que se sobrepõe a de sua imagem e de sua empresa.

O jornalismo investigativo passa a ter uma busca incessante pela verdade, por mais complicada que ela seja. Por isso, não pode tomar o lugar da responsabilidade profissional, muito menos expor um repórter à vista de criminosos.

O fato apurado por Tim Lopes era muito delicado e complexo, o que exigia, além de prudência, uma investigação minuciosa e detalhada. Envolveria um assunto de grande repercussão, envolvendo muita gente influente, políticos e traficantes que, se expostos, poderia ter efeitos negativos e comprometedores.

Há, no entanto, defensores da atitude de Tim Lopes:

O primeiro e obrigatório passo para entender o caso Tim Lopes e dele tirar lições importantes é nunca agregar valor moral ao ato em si. Tim correu o risco que achou que deveria correr, ele sentiu o apelo das pessoas das favelas, das mães desesperadas que viam o movimento diário de uma feira de drogas nos caminhos das crianças, muitas das quais levadas por traficantes para azeitar a máquina de abusos sexuais montados nos Bailes Funk do Rio (MILHOMEM, 2005, p.73).

O fato é que este não foi e nem será o último caso, onde profissionais dedicados e audaciosos ultrapassam os limites da prudência e com o objetivo de levar ao conhecimento do público os fatos e as provas da maneira mais explícita possível, pagando um preço muito alto por isso. (com a própria vida)

3.0 CQC

Como acontece com muitos programas veiculados em televisões pelo mundo, este é mais um que usou um formato criado em outro país. O sucesso de um formato de programa tem atraído o interesse dos produtores e diretores de canais de televisão. Em tese, os riscos de insucesso diminuem consideravelmente e os investimentos destinados à elaboração, confecção e produção passam a ter um custo-benefício mais adequado, visto que o meio pouco permite a tentativa e o erro.

O formato adotado no Brasil é uma cópia do programa *Caiga Quien Caiga* exibido na Argentina veiculado pelo canal Telefe e de direitos da produtora *Cuatro Cabezas*, que também emprestou seus moldes a diversos Países tais como: Israel, França, Chile, México, Equador, Portugal e os Estados Unidos, além da Espanha e da Itália (WIKIPEDIA, 2011).

Os direitos de uso foram adquiridos pela Rede Bandeirantes de Televisão que adaptou o formato, mas tem que manter as características de semelhança o mais fiel possível ao modelo original.

O programa CQC (Custe o que Custar) no Brasil teve o seu início em março de 2008 na Rede Bandeirantes de Televisão. O programa apresenta uma linguagem diferenciada dos demais programas do gênero, com quadros e formatos exibidos com um enfoque alternativo e diferente, além de um toque de humor em assuntos até então tidos como sérios.

O ator, repórter, engenheiro civil, apresentador, roteirista e diretor de diversos programas de televisão e rádio, Marcelo Tas foi o selecionado para apresentar o programa, devido ao seu vasto e rico histórico, além de ter sido um dos pioneiros a apresentar um personagem de humor e entretenimento, o repórter Ernesto Varela que na época da abertura política ironizava personalidades políticas, dirigindo-lhes perguntas desconcertantes.

O programa é exibido todas as segundas-feiras, trazendo as principais matérias e quadros de uma maneira investigativa. Os temas são abordados na rua ou na fonte onde o assunto acontece, pelos repórteres do programa, que fazem questionamentos e críticas com abordagem em muitas ocasiões não autorizada, e em outras vezes tido como agressiva e que geram comportamentos e repostas ríspidas e perturbadoras, sem medo de represálias (CQC, 2011).

Segundo os produtores do programa, a equipe do CQC se pauta diante dos fatos, acontecimentos e seus desdobramentos, sendo os assuntos checados, averiguados com cautela, mesmo se tratando de mera especulação (CQC, 2011).

3.1 A CONSTRUÇÃO E SEU FORMATO

Segundo a equipe, a pauta do programa é feita a partir de fatos ou boatos que circulam nos meios de comunicação e na internet, bem como sugestões do público enviadas através de e-mails (CQC, 2011).

As equipes de externa passam a montar os quadros do programa, privilegiando abordagens de caráter humorístico.

Sendo os temas sérios e polêmicos geram discussão e situações de atrito por parte dos entrevistados em foco. A discussão tem repercussão durante o processo de abordagem e entrevista, como também acontece um desdobramento do assunto, quando o mesmo é exposto ao público através dos apresentadores no palco do programa. Os assuntos ganham ares de deboche por meio de comentários dos apresentadores que demonstram que o entrevistado se esquivou da resposta, fugindo ao compromisso de transparência perante o público.

A essência do programa é esta, não importam os meios para se obter uma resposta. Custe o que custar (CQC) é o parâmetro que direciona o programa.

A linguagem, até então tida como fora dos padrões, passa a ser uma nova proposta de se fazer um programa televisivo e integrar a sociedade a temas polêmicos com uma abordagem diferenciada.

A dinâmica da televisão exige novas maneiras de se expor um tema ou informar a sociedade. O programa pretende que o cidadão reflita e possa se posicionar diante de assuntos, até então abordados superficialmente ou de maneira mascarada pela mídia que, por meio de enquadramentos intencionais, omite fatos ou falta com a verdade, de acordo com sua conveniência.

3.2 OS ALVOS

A primeira coisa objetiva a fazer por quem vai tentar se lançar no mercado, para merecer espaço na televisão é o questionamento, algo que o jornalismo investigativo teria um grande potencial para promover.

Os principais alvos da equipe de jornalismo do programa CQC são: os políticos e suas equipes de assessores parlamentares, além de artistas, apresentadores de programas de TV, jogadores de futebol e dirigentes de clubes, cantores e músicos, empresas privadas e órgãos governamentais. Esses personagens são a matéria-prima do programa.

A citação de Lustosa explica a fórmula:

O cidadão precisa transformar-se em mercadoria para ser consumido pela televisão. Para chegar ao mercado, precisa ser um objeto de consumo, não se limitando a ser um mero dado estatístico, reservado ao anonimato, espaço no qual se amontoa todo mundo (LUSTOSA, 2002, p.15)

Para Lustosa, a televisão é um espaço reservado aos famosos. Dessa forma, para ter sucesso é muito mais rápido colocar em evidência quem já é famoso e desperta por si só a audiência.

3.3 JORNALISMO, INVESTIGAÇÃO, ENTRETENIMENTO

A intenção do CQC parece ser a de informar de maneira comprometida com a sociedade. Para isso usa o recurso de fazer rir e divertir por meio de linguagem simples e acessível às diversas camadas da população.

Ocasionalmente a produção do programa utiliza o recurso de criar paródias de novelas, filmes, que deixam mais evidente a intenção de relatar a atualidade, utilizando recursos humorísticos.

Para o CQC parece ser fundamental levar informação de cunho jornalístico aos seus espectadores, mas proporcionar diversão. No entanto, o programa ignora fundamentos essenciais ao jornalismo ao privilegiar a piada em detrimento da verdade, ao desrespeitar seus entrevistados com constrangimento e deboche, extrapolando os limites de ética e utilizando recursos gráficos que igualmente trazem constrangimento e depreciação. Estes últimos recursos ainda têm o agravante de que o entrevistado só toma conhecimento se assistir ao programa e não tem nem possibilidade de contra – argumentação (WECKI, 2009).

O CQC constrói um pseudo-jornalismo na medida em que sua aproximação com o campo jornalístico se dá muitas vezes pela forma, mas nem sempre pelo tratamento do conteúdo, como pode ser observado pela figura na sequência que mostra o cenário do programa que usa uma bancada semelhante à utilizada nos cenários de telejornal, bem como o traje dos apresentadores.



Figura 1: Cenário do Programa com apresentadores na bancada
Fonte: AUDIÊNCIA... (2011).

Quando um determinado assunto entra em pauta, o mesmo passa a fazer parte de um processo de investigação, que pode vir a ser tão aprofundado quanto a maior parte das matérias jornalísticas, passando pelas fases de pesquisa, contatos e fontes, captação de provas que possam ilustrar o assunto, envio de um repórter às ruas para que vá entrevistar, confrontar, questionar, na tentativa de expor ao público o tema abordado, mesmo que a resposta nem sempre seja a mais adequada. De qualquer forma, o conteúdo vai levar o público à reflexão e não necessariamente à solução.

3.4 QUADROS DO PROGRAMA

Quando se desenvolveu este trabalho o programa tinha um formato que relatamos aqui. Como todo programa televisivo, de informação e entretenimento, o CQC dispõe de diversos quadros que normalmente fazem parte de um cronograma, mas eventualmente podem ser criados novos quadros em virtude da descoberta de um novo tema ou assunto que gerou polêmica ou que mereça discussão durante a semana, assim como quadros extintos podem ressurgir conforme a necessidade ou conveniência de um tema. Na composição normal o programa tem os quadros: TOP 5, PROTESTE JÁ, CQTESTE, GRUPO ESCOLAR, IDENTIDADE NACIONAL.

TOP 5 - É um quadro do programa, que mostra cinco momentos constrangedores ocorridos na programação da televisão brasileira.

PROTESTE JÁ - O quadro mostra problemas em comunidades de todo o Brasil: obras públicas não finalizadas, transporte precário, mau atendimento, entre outros casos.

CQTESTE - Todas as semanas uma personalidade responde a cinco perguntas de conhecimentos gerais, expondo para todo o País o quanto sabe – ou o quanto ignora.

GRUPO ESCOLAR - Marcelo Tas volta aos tempos de professor e vai à escola tentar explicar um tema do noticiário para crianças de 8 a 10 anos de idade.

IDENTIDADE NACIONAL - O quadro faz comparações culturais em diferentes regiões do país, tratando desde os regionalismos da língua portuguesa até os preconceitos e questões morais (CQC, 2011).

O programa já contou com outros quadros que já foram extintos tais como: Repórter Inexperiente, Resta 1, Piores notícia da semana, O povo quer saber, Luque responde, Teste de honestidade, Assessor de imagem, Mas que boa pergunta Marcelo Tas, Controle de qualidade, CQC investiga, Cadeia de favores, Fala na cara, Palavras Cruzadas, Trabalho Forçado, Cidadão em ação, Correndo atrás.

3.5 DESCRIÇÃO DE UM QUADRO DO PROGRAMA: USO DA INVESTIGAÇÃO

No dia 22 de março de 2011, o Programa CQC, exibiu uma investigação feita com ousadia. Tiveram a ideia de doar uma televisão, de 32 polegadas, à Secretaria de Educação de Barueri. Para incrementar a história, o programa usou a velha ferramenta: um conto.

A história, que eles inventaram, foi que um dono de estabelecimento comercial estava fechando as portas e que o mesmo queria doar uma televisão para uma escola.

Para isso foi realizado um sorteio, e foi sorteada a cidade que seria contemplada com o equipamento.

Supondo que haveria o desvio do equipamento doado, a produção do programa com ajuda de técnicos em eletrônica e monitoramento a distância instalou, dentro do equipamento, um GPS que transmitia dados de localização do mesmo via celular, sem que os usuários pudessem saber.

Passados 45 dias, prazo mais do que suficiente para que o equipamento doado chegasse ao seu destino, independente de toda burocracia que envolve os órgãos públicos e seus departamentos, a produção constatou que o equipamento havia sido desviado de seu suposto destino.

Com base nesses dados a produção encaminhou uma equipe com o repórter e câmera para checar o fato e confrontar as autoridades da cidade de Barueri e expor ao público o verdadeiro destino do item doado.

Dirigentes da Secretaria da Educação, funcionários envolvidos, administradores da escola e prefeito, um a um todos foram vistos e ouvidos, cada um com a sua versão. O desfecho da história ficou para a reflexão, avaliação e julgamento da sociedade.

Todos os envolvidos no caso, direta ou indiretamente, não admitiram a culpa do desvio do equipamento. Mais do que isso, usaram recursos judiciais para tentar barrar a liberdade de expressão e opinião e o trabalho da equipe do programa, que cobrava a prestação de contas à sociedade acerca do destino de doações ou verbas públicas ou privadas.

O quadro exposto apresenta todas as características de um jornalismo investigativo, apesar do caráter irônico e de certo sarcasmo utilizados, o que não tirou a credibilidade do processo de investigação jornalístico. O resultado foi sim uma profunda apuração de fatos, usando as mais diversas ferramentas, como a câmera oculta, GPS, gravação de maneira camuflada de dentro de um veículo e abordagens diretas com os envolvidos no fato.

A matéria causou polêmica por ter sido previamente censurada, através de ação impetrada pelo prefeito de Barueri e aceita por uma juíza, da Vara da Fazenda Pública de Barueri. A alegação era de que poderia haver sensacionalismo na matéria e, por isso, a Prefeitura deveria ter conhecimento da mesma, antecipadamente. O apresentador Marcelo Tas, durante o programa, afirmou que a atitude era considerada censura prévia, pois a matéria foi censurada sem ter sido assistida e, ao contrário do que foi alegado, seria concedido o direito de resposta.

A reportagem foi liberada e exibida na semana seguinte. Um dia depois da estreia da temporada, Danilo Gentili, um dos integrantes do programa, foi à prefeitura da cidade, onde entrevistou o prefeito. Ao ser questionado sobre a censura à matéria, o político proferiu:

Não foi censura. Minha secretária jurídica que viu essa estupidez de vocês. Vocês são uns babacas, sem nenhum talento, uns tontos, malandros, que se veem no direito de ridicularizar o Congresso. Quem são vocês? Fala para mim... Quem são vocês? Eu não vou

cumprimentar você. Babaca eu não cumprimento. [...] Vai ver quem é aquele careca debochado, aqueles palhaços tontos sem nenhum talento, que se prestam a desmoralizar os outros. Vocês são uns babacas, que se prestam a desmoralizar as pessoas. E a democracia, se você quer saber, é o que permite a gente como vocês fazer o que vocês estão fazendo. Custe o Que Custar, estes babacas. E sabe por que eu tô conversando com você? Para mostrar para você que você é absolutamente nada diante da luta que desenvolvemos para democratizar o país e para permitir para você e aqueles babacas do CQC possa falar... custe o que custar (ESTADÃO, 2011).

O episódio aqui narrado pode ser conhecido no DVD que se encontra anexo a este trabalho.

4 CONCLUSÃO

O estudo apresenta um programa que adota uma maneira diferenciada de expor, para a população, assuntos cotidianos da nossa sociedade, muitas vezes abordados de forma tradicional por veículos de comunicação, não despertando o interesse da população. Esses assuntos polêmicos merecem um trabalho de pesquisa mais aprofundado para levar o espectador a reflexão e avaliação crítica. A maneira encontrada pelo programa para abordar o tema é a combinação de sutileza, sarcasmo, ousadia e humor aliado, a um trabalho de investigação jornalística.

Embora saibamos que qualquer tentativa de levar a sociedade a uma suposta reflexão e avaliação crítica a respeito de um assunto polêmico é algo desejável e politicamente correto, não se pode esconder que o programa despreza importantes critérios éticos jornalísticos e que, se soma a isso, a suspeita de que entre os principais objetivos de seus produtores possam estar o alcance de relevantes índices de audiência no IBOPE, para garantir a injeção de verbas publicitárias. Será que os fins justificam os meios?

Se analisarmos o discurso da objetividade, poderemos notar que se criou uma suposta “verdade”, de que o jornalismo se divide em opinião e informação. Existem divergências quanto a esse assunto. Como poderíamos ignorar a intervenção opinativa e também a subjetividade na maneira de abordar alguns assuntos, se em qualquer redação de jornal, um bom jornalista ao relatar os fatos, faz uso de sua maneira de pensar, e fazer escolhas, deixando claro sua capacidade individual.

O jornalismo se organiza em esquemas de narração e argumentação construídos com informações e pontos de vista.

As demonstrações de que informação e opinião não se separam, mas se misturam e interagem, podem ser observadas diariamente, em qualquer espaço da função jornalística.

Nas escolas continua a se ensinar, como “verdade” e uso a divisão dos gêneros jornalísticos em classes de Opinião e Informação. Nas redações, principalmente nas dos meios impressos, vemos uma divisão de espaço em páginas de opinião e páginas de informação. Para o professor José Marques de Melo, autor

de “Opinião no Jornalismo Brasileiro”, o livro mais citado quando se trata de classificação de gênero jornalístico propõe a seguinte classificação, com a listagem de 12 gêneros: Jornalismo Informativo, nota, notícia, reportagem, entrevista, jornalismo, opinativo, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta.

No jornalismo não existem espaço exclusivos para a opinião e a informação, nem tampouco espaços que os exclua.

Mas não separou a opinião da informação, pois há como isolar o componente objetividade no processo criativo de noticiar.

Os recursos gráficos utilizados em alguns quadros de entrevista, não induzem a opinião. Alguns podem achar que as utilizações destes, não dão liberdade de cada telespectador formar sua própria opinião, mas da maneira com que são utilizados, servem apenas para reforçar, numa figura de linguagem, aquilo que ficou explícito na condução da entrevista, ou seja, no jogo de perguntas e respostas entre repórter e entrevistado demonstra o tom em que se deu a entrevista, sem o interesse em manipular o telespectador a formar uma opinião.

Quanto ao emprego do humor, podemos afirmar que existe um grande paradoxo, onde por um lado dá profundidade ao fato jornalístico, pois em dias em que é notória a banalização da corrupção, a comprovada ineficiência da justiça e a quase certeza da não punição, bem como, da conveniente não apuração dos atos e fatos, vemos que o uso do humor, talvez seja um ingrediente a mais para tentar atrair o interesse do público para esses importantes assuntos, que além dos motivos anteriormente citados, ainda temos que considerar o fato de que com o agito e corre-corre da vida moderna, a linguagem da informação mudou e embora ainda temos os formatos jornalísticos tradicionais, já temos aqueles que buscam meios alternativos de informação e entretenimento e esse por sua vez estão conquistando cada vez mais interessados.

Já por outro lado, existem os que defendem que o uso do humor nos fatos jornalísticos levariam a superficialidade, o que não podemos afirmar isso com total convicção, pois mesmo sem o uso do humor, o conceito de superficialidade e banalização já está implícito no conceito de opinião da grande maioria dos telespectadores.

Embora vivamos num país onde boa parte da população por formação, não tenha qualificação para avaliar e expressar com propriedade opinião sobre diversos assuntos, políticos, econômicos, financeiros entre outros, mas também sabemos que o povo não é bobo e muito do que se faz ou acontece é de total conhecimento da população, o fato dessa população nem sempre se manifestar ou se rebelar contra o sistema, significa que eles não sabem se a notícia foi apresentada de maneira superficial, ou apresentada conforme os interesses de uma determinada emissora ou veículo, em outras palavras, quando há um direcionamento da opinião pública ou jogo de interesse, muitos tem conhecimento disso, em alguns casos se deixam influenciar e ser manipulado, em outros casos não dão importância e por puro descaso ou por achar que, mais um fato apurado a fundo, ou de maneira superficial, em nada vai alterar sua vida ou afetar diretamente a ele como cidadão, contribuindo assim em ser mais um que toma atitude e é indiferente aos rumos que nos levam no futuro.

REFERÊNCIAS

ANDI; CHILDHOOD Brasil. *Jornalismo Investigativo: o concurso Tim Lopes*. Brasília: ANDI, 2006.

AUDIÊNCIA DE CANAL. Disponível em: <http://audienciadecanal.wordpress.com/author/romariolost/page/24/>. Acesso em: 10 out. 2011.

CORTEZE, Priscila de Abreu; SANTOS Marielle Sandalovski. *O jornalismo investigativo e "o trabalho dos cortadores de cana": profissão repórter*. Disponível em <<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

CQC. Disponível em <http://cqc.band.com.br/identidadenacional.asp>. Acesso em: 07 nov 2011.

CRUZ NETO, João Elias da. *Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar*. Petrópolis: Vozes, 2008

ESTADÃO. *Após desistir de ação, prefeito de Barueri chama integrantes do CQC de 'babacas'*. Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2010/03/22/apos-desistir-de-acao-prefeito-de-barueri-chama-integrantes-do-cqc-de-babacas/>. Acesso em: 07 nov 2011.

ÉTICA JORNALÍSTICA. *Tim Lopes, a primeira vítima*. Disponível em: <http://eticajornalistica.blogspot.com/>. Acesso em: 07 nov 2011.

FORTES, B Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Contexto, 2007.

LAGE, Nilson. *A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

LUSTOSA, Elcias. *Arte e Sucesso na Televisão - Brasília: Universidade de Brasília, 2002*

MILHOMEM, Luciano. *Jornalismo Investigativo - Concurso Tim Lopes*. Brasília. TÓFOLI, Luciene. *Ética no Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

WECKI, Juliana M. 2009. Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22302/000739521.pdf?sequence=1>
. Acesso em: 07 nov 2011.

WIKIPEDIA. Caiga Quien Caiga. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Caiga_Quien_Caiga - Acesso em: 23.jun.2011